

o quanto as exigências aumentaram. De acordo com a costureira, as clientes procuram profissionais com mais experiência, buscam peças bem-feitas.

E, se por um lado há mais roupas para ajustar, por outro falta quem queira aprender o ofício. “Hoje em dia, costureira está muito difícil, você não consegue costureira boa. E os jovens não se interessam, não querem. Eu tiro pelas minhas filhas, nenhuma quis. Das netas, só uma agora está fazendo o curso.”

A nova geração

Heloiza Barros, de 19 anos, neta de Francisca, é a exceção na família. Ainda aprendendo a costurar, ela ajuda a avó no dia a dia do ateliê e começou recentemente um curso para se aprimorar no ofício. Apesar de ainda estar em processo de aprendizado, trabalha no ateliê da avó há um ano, anotando os consertos, entregando as peças para as clientes e em auxílios similares.

Entre anotações, barras e pequenos ajustes, Heloiza começa a trilhar o mesmo caminho que a avó percorreu há décadas. No curso de costura há três meses, ela é a pessoa mais nova da turma. “Minhas motivações foram minha avó e ver que cada roupa que a gente compra nunca está perfeita, pois cada um tem um corpo diferente”, reflete.

Para ela, o trabalho é bonito, mas ainda pouco reconhecido. Mesmo que a maior parte das clientes sejam fixas e façam confecções com a avó dela há muito tempo, chegam pessoas que reclamam dos valores ou acham que podem precificar o trabalho do outro.

Apesar de o interesse pelo ofício ser baixo entre os mais jovens, a procura pelo serviço continua ampla e não se limita a uma idade. Segundo Heloiza, ela e a avó recebem encomendas de mulheres jovens, idosas e, mesmo que em menor quantidade, homens também fazem parte da clientela. “Acho que porque as mulheres são mais vaidosas que os homens.”

Heloiza fez apenas três peças do zero, um cropped, uma saia e um vestido, que ainda não está finalizado. Mesmo assim, ela representa uma geração rara, a dos jovens que ainda se interessam pela costura artesanal, um ofício que vem desaparecendo à medida que as costureiras envelhecem e a valorização financeira segue insuficiente.

Desvalorização

De acordo com Antônia Lima, 69 anos, professora de corte, costura e modelagem há décadas, o cenário é claro: há procura por costureiras, mas falta quem queira ocupar esse espaço. Ela percebe um padrão entre os alunos que frequentam seus cursos. “No meu caso aqui, as pessoas que mais procuram são aposentadas, estão à procura de fazer outras coisas, mexer com costura para filho, para neto, para ocupar o tempo. Já o jovem não procura.”



Heloiza Barros tem apenas 19 anos e quer se tornar costureira

Fotos: Arquivo pessoal



Primeiro vestido feito por Heloiza, que ainda não finalizou a peça

O motivo, segundo ela, é a desvalorização da profissão. “Eu não tenho 100% de certeza, mas acredito que é porque é uma profissão que é bem desvalorizada. Eu pertenço a grupos de costureiras e a questão maior é a

dos valores. Até que emprego tem, pois há muita procura por costureira, mas o problema é que o salário é tão pouco que, às vezes, acaba desestimulando as pessoas.”

Antônia reforça que o mercado ainda tem espaço, mas, por não oferecer tantos benefícios, não consegue reter profissionais. A fala da professora ecoa a experiência de Francisca, que sente na pele a falta de reconhecimento. “Muitas pessoas não dão valor porque é um trabalho que toma muito tempo, precisa de muito capricho e é um serviço demorado”, diz a costureira.

Ainda assim, Francisca segue firme, movida pelo amor pelo que faz. Costura peças do zero, ajusta barras, conserta vestidos e transforma tecidos simples em peças que voltam a ter vida. “Os reparos mais pedidos são barra de calça e vestido e cós de calça. Para fazer (do zero), as peças mais pedidas são vestido e blusa.”

Para o personal stylist Fernando Lackman, no entanto, há um retorno recente da valorização do artesanal, que é uma oportunidade de resgate da profissão. “O que antes era visto como antigo, hoje, virou resistência. Costurar é um ato político e poético: desacelerar o processo para reconectar a roupa à sua origem.”

Ele acredita que a geração mais jovem pode redescobrir o encanto da costura, especialmente quando entende o valor da personalização. “Cada corpo é único, e uma roupa feita sob medida é um diálogo entre criador e pessoa. Isso nenhuma máquina reproduz.”

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**